

“TRISTE REALIDADE”: CONSTRUINDO SOLIDARIEDADE EM REAÇÃO À DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FACEBOOK

“SAD REALITY”: CONSTRUCTING SOLIDARITY IN REACTION TO RACIAL DISCRIMINATION ON FACEBOOK

Mércia Regina Santana Flannery¹

merciaf@sas.upenn.edu

Resumo: Este trabalho analisa excertos de uma discussão no Facebook desencadeada pelo *posting* de um vídeo no qual uma mulher dirige insultos raciais a uma outra. A análise da interação que segue o vídeo ilustra como 1) a linguística sociointeracional e a análise do discurso suprem ferramentas úteis para se estudar a Comunicação mediada por computadores, e 2) ajuda a compreender o alinhamento dos participantes contra o racismo e a discriminação para construir solidariedade. Este estudo exemplifica como recursos linguísticos e extralinguísticos, disponíveis por meio do Facebook permitem aos participantes expressas suas opiniões sobre o episódio, construindo posições e identidades para si e o outro.

Palavras-chave: Comunicação mediada por computadores. Facebook. Discriminação racial. Solidariedade. Identidade.

Abstract: This paper analyzes excerpts of a Facebook discussion triggered by the posting of a video in which a woman directs racial insults towards another. The analysis of the ensuing interaction illustrates how 1) interactional sociolinguistics and discourse analysis provide useful tools to study Computer Mediated Communication, and 2) it helps to understand the participants' alignment against racism and discrimination to build solidarity. This study exemplifies how linguistic and extralinguistic resources available through Facebook enable the participants to express their opinions about the episode, construct positions, and self and others' identities.

Keywords: Computer mediated communication. Facebook. Racial discrimination. Solidarity. Identity.

1 Introdução

Vários estudos atuais em Linguística têm voltado a atenção para a Comunicação Mediada por Computadores (em inglês, Computer Mediated Communication), doravante CMC. Dadas a prevalência dos modos de comunicação viabilizados pelo computador e as inovações linguísticas proporcionadas, as abordagens analíticas são correspondentemente amplas. Há estudos que classificam as diferentes modalidades interativas possibilitadas por novas tecnologias de informação e que também visam a compreender de que modos a

¹ Doutora em linguística (concentração em sociolinguística) pela Universidade de Georgetown, Washington, DC. Professora e diretora do Programa de Língua Portuguesa da Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, Estados Unidos.

sociolinguística e a análise do discurso podem auxiliar na compreensão da “diversidade social da linguagem na CMC” (ANDROTSOPOLOUS, 2006, p. 421). Há outros que se dedicam a analisar as particularidades da linguagem empregada nos diferentes meios (HEYD, 2015; SPILIOTI, 2015). E há ainda outros que visam a compreender traços comuns à comunicação mediada em substituição a, ou para compensar por, a ausência dos recursos paralinguísticos (VANDERGRIFF, 2013) e que permitem aos participantes fazer inferências, orientando-se no contexto comunicativo de um encontro interacional.

A comunicação mediada aparece em nossos dias como um alvo cada vez mais explorado de pesquisas linguísticas, considerando os modos pelos quais essa nova modalidade tem permitido desenvolverem-se atividades cotidianas, tais como conversar, efetuar compras, discutir assuntos atuais e notícias, compartilhar eventos pessoais, episódios políticos e sociais importantes, efetuar atividades profissionais, dentre outras. Esse novo e importante foco para pesquisas da comunicação situada aponta também para a necessidade de usarem-se abordagens da linguística sociointeracional, que permitam a compreensão dos diversos fatores envolvidos na criação de sentido em contextos criados por meio da interação mediada. Os novos espaços e situações interacionais emergentes nesta modalidade comunicativa apresentam particularidades e contingências específicas, que influenciam o uso de recursos linguísticos e extralinguísticos para produção e apreensão de sentido.

Se todo evento interacional é coconstruído e o significado das construções discursivas é negociado passo a passo, isso é tanto mais verdadeiro no caso das interações mediadas por computador, nas quais a ausência física dos interagentes (ou a sua presença virtual) apresenta o desafio de suprirem-se pistas contextualizantes e orientadoras para a criação de sentido. Em situações de contato face a face, são os gestos, a expressão facial e os recursos paralinguísticos, tais como a entoação ou timbre de voz, que contribuem para a construção de sentido, sendo a falta de correspondência direta entre recurso e sentido apreendido no emprego destes elementos um dos fatores responsáveis pela incompreensão, por mal-entendidos, ou o surgimento de percepções errôneas sobre os interagentes (ver GUMPERZ, 2001).

Neste artigo, consideram-se estratégias linguístico-discursivas e extralinguísticas empregadas pelos contribuintes de uma discussão no site de rede sociais Facebook para a construção de sentido e o alinhamento dos participantes. Este alinhamento, proporcionado pelos recursos empregados, por sua vez auxilia os participantes a assumirem posições solidárias contra o racismo, na medida em que constroem identidades para si e outrem, e retomam discursos recorrentes sobre relações raciais e racismo em sua sociedade.

O material coletado para a análise compreende reações a um vídeo, no qual uma mulher (branca) dirige comentários discriminatórios a uma outra mulher (negra) em uma praia, no Rio de Janeiro. O vídeo atingiu milhares de usuários do Facebook no Brasil e causou grande polêmica, devido às ofensas raciais emitidas². Este trabalho analisa as reações ao vídeo em *posts* no Facebook, mostrando como recursos linguísticos e extralinguísticos são empregados para manifestar solidariedade e condenar o racismo. Na medida em que se explora como os participantes do evento interacional constroem posições de solidariedade numa sequência textual, a análise aqui apresentada lança mão de preceitos desenvolvidos pela sociolinguística interacional, tais como a noção de participação (GOFFMAN, 1981), posicionamento (DAVIES E HARRÉ, 1990), a noção de contexto e pistas contextualizantes da CMC (VANDERGRIFF, 2013).

2 A comunicação mediada por computadores: características

Há um número de características da CMC que são típicas desta modalidade comunicativa em várias plataformas e mídias sociais. Essas propriedades relacionam-se às particularidades proporcionadas pelo meio para expressar e propagar ideias, sentimentos, ou a instância assumida pelos participantes, e também dizem respeito a um número de recursos disponibilizados pelo computador. Por exemplo, se a comunicação face a face orienta-se tanto pela linguagem verbal como por gestos ou expressões faciais, a CMC dispõe de texto, mas, e dependendo do serviço utilizado, também de *emojis*, do uso de letras maiúsculas, da inclusão de vídeo e áudio, e do emprego da pontuação múltipla. Esses recursos assumem um valor contextual, sendo a sua função, por vezes, diferente do seu emprego convencional. A CMC é, portanto, multimodal e vários dos recursos empregados em situações síncronas³ e assíncronas⁴ de comunicação virtual podem ser melhor compreendidos apenas quando analisados no contexto específico em que são lançados. Estudos dos recursos empregados na CMC também têm salientado a necessidade de as estratégias e recursos não serem analisados como correspondentes diretos da comunicação oral face a face, uma vez que essa correspondência nem sempre é adequada (VANDERGRIFF, 2013).

² Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/08/1808817-mulher-e-presa-em-flagrante-por-racismo-na-praia-da-barra-no-rio.shtml>>.

³ Entenda-se aqui como comunicação quase imediata, tais como chats ou mensagens instantâneas.

⁴ Entenda-se aqui como comunicações nas quais há um lapso de tempo entre a emissão e recepção mensagens, tais como e-mails, ou contribuições a fóruns de discussões em sites de notícias, por exemplo.

Vandergriff (2013) compara estes dois usos alongamento silábico. Esse alongamento pode assumir diferentes valores dependendo do contexto. O mesmo se dá com a afirmação de que os *emojis* ou a capitalização são equivalentes às pistas paralinguísticas da comunicação face a face, orientando a compreensão dos leitores, do mesmo modo que um gesto ou expressão facial o fariam. Como Vandergriff (2013, p. 3) afirma, o tratamento mais apropriado para o uso destes recursos é a sua análise contextual, levando-se em consideração tanto as relações linha a linha, tais como emergem durante a interação, quanto as relações de sentido que vão sendo criadas no âmbito da atividade em curso. Como a autora afirma, “não podemos descrever com acuidade o significado e função de uma determinada pista da CMC por “traduzi-la” para uma pista prosódica⁵” (VANDERGRIF, 2013, p. 3) Como em outras modalidades interacionais, a linguagem na CMC emerge em contextos definidos tanto pelo tema, como pelos participantes e pelas atividades que vão sendo desenvolvidas em curso.

A interação mediada por computadores também tem se provado uma modalidade na qual os participantes se sentem mais inclinados a expor opiniões negativas e a emitir insultos. Não é incomum que em reações a notícias e em fóruns online, ou em *posts* pelo Facebook, os participantes entabulem discussões marcadas por opiniões negativas e insultos, incluindo o uso de termos derogatórios, discriminatórios, racistas e xenofóbicos. A ausência do contato visual, face a face, e a rapidez com que a mensagem é produzida e postada eliminam filtros importantes que, possivelmente, no contato pessoal imediato seriam evitados. Essa característica da CMC também é um fator importante ao se observarem tais interações, dada a sua prevalência.

Na próxima seção, consideram-se informações sobre os dados analisados e a metodologia empregada.

3 O *corpus* e a metodologia

O *corpus* analisado neste trabalho provém de *posts* em uma página do Facebook, que circulou pelos jornais e sites de notícias brasileiros online, como reação a um episódio de racismo no Rio de Janeiro, Brasil, em agosto de 2016. O autor da página do Facebook sendo analisada, LP, postou um vídeo gravado por ele mesmo, no qual uma mulher branca dirige insultos raciais a uma outra mulher, negra, em uma praia no Rio de Janeiro. Em um *post* introdutório ao vídeo, o autor contextualiza o evento, especificando quando e onde os fatos aconteceram e fazendo um apelo para que os usuários do Facebook compartilhassem o

⁵ Tradução minha. No original: “we cannot accurately describe the meaning and function of a given CMC cue by “translating it back” into a prosodic cue.”

material⁶. O caso repercutiu nas redes sociais como demonstração de intolerância racial, tendo sido visto, até a data da escrita deste artigo, 69 mil vezes e compartilhado outras 59 mil vezes. Os *posts* analisados aqui são uma amostra da sequência interacional, na qual os diversos participantes reagem ao insulto, em grande parte solidarizando-se com o autor do vídeo, contra os insultos raciais e a emissora destes, e alinhando-se em condenação à discriminação racial.

Para proceder-se à análise dos *posts*, recorre-se tanto à análise do discurso, como à sociolinguística interacional, na medida em que se observam as relações e posições em construção no contexto da interação. Também, a análise recorre a estudos na área da CMC, que propõem várias ferramentas úteis para a compreensão de como os recursos linguísticos e extralinguísticos são empregados nessa modalidade interacional.

Foram removidas as fotos e os nomes dos autores/participantes dos *posts* na sequência interacional apresentada, usando-se apenas as suas iniciais, e retiraram-se também as informações temporais que especificam quando os *posts* foram acrescentados à discussão e poderiam servir para identificar os autores. Manteve-se também o texto original dos *posts*, sem serem acrescentadas correções gramaticais ou ortográficas.

Na próxima seção, analisa-se a construção de posições de solidariedade contra o racismo expresso no vídeo.

4 Construindo posições de solidariedade e indignação em uma discussão no Facebook

Na sequência, observam-se as declarações em reação ao vídeo no qual uma mulher emite insultos raciais direcionados a uma outra. O vídeo em si não apresenta informações adicionais, que contextualizem os eventos anteriores à emissão do insulto racial, mas registra a reação da mulher à presença de uma mulher negra próxima de si, na praia. Quando percebe que está sendo gravada, a perpetradora diz, olhando para a câmera, “pode gravar” e “eu não tenho culpa de você ter nascido mulata. Da próxima vez, nasça branca.”

O excerto 1 contém as primeiras reações ao vídeo e às declarações racistas nele contidas, por usuários do Facebook na página do autor, LP.

⁶ O texto de LP diz: “Eu cheguei na praia e ela começou falando pra família dela, não sei pq preto pega sol. Que preto era sub-raça.

Até que o marido dela disse que eu estava gravando e ela começou a gritar pra praia toda ouvir. Aconteceu ontem, com uma conhecida minha na praia da Barra da Tijuca.

‘Sorry, vc é mulata’. ‘Nasça branca da próxima vez’.

Ela foi ontem mesmo dar queixa na policia, por favor quem puder, compartilhe!”

Excerto 1:

YM Triste realidade!

LC Gente do céu!! Quanta intolerância. Falta de educação... Own Brasil sem jeito

BM Pena de uma mãe que permite uma merda dessa venha ao mundo! Retardada!

AD Revoltante isso!

LV Gente, que mulher doente! Louca ridícula!

TR Nossa que ridícula!

No excerto 1, as duas primeiras reações ao vídeo são compostas de frases declarativas, que endereçam tacitamente o seu tema. Note-se que o uso da frase declarativa funciona como um sinalizador, apontando para a mensagem anteriormente lançada. Apreendemos o sentido de “Triste realidade!” apenas no contexto criado pelo *post* original, no qual o vídeo foi tornado público no espaço de interação em página do Facebook. A próxima sequência contém uma declaração apelativa em “Gente do céu!!”, na qual LC expressa indignação, ao mesmo tempo em que se dirige ao conjunto de interagentes no espaço criado pelo *post*. Note-se que essas emissões são também frases declarativas (“Quanta intolerância. Falta de educação” e “Brasil sem jeito”). Em todos esses casos, a ausência de verbo e sujeito, em declarações simples, confirmam o forte enraizamento contextual e a complexidade da interação proporcionada pelo Facebook como plataforma interacional e veículo de CMC. É possível derivar sentidos para as declarações mencionadas apenas no contexto em que se geram, o que exige uma sequência de ações por parte dos interagentes, a saber, assistir ao vídeo e ler os *posts* anteriores sobre o material em discussão (EISENLAUER, 2013, p. 144).

O texto expressando a reação de BM diferencia-se dos anteriores e posteriores por conter uma estrutura mais complexa, na qual uma frase declarativa é combinada a uma oração adjetiva (“pena de uma mãe que permite...”). Entretanto, também nota-se, nesse caso, a ausência de sujeito exposto e confirma-se a tendência de usarem-se declarações curtas, cujos significados são fortemente enraizados no contexto de realização imediata da interação.

Os próximos *posts* também retomam, tanto por meio de estruturas paralelas, como pelo conteúdo, os primeiros. Em “Revoltante isso!”, o autor do *post* reage com adjetivo + demonstrativo, tal como na declaração exclamativa inicial de YM. E o *post* subsequente, de TR, reforça o mesmo sentido de indignação para com a protagonista do vídeo, tanto por fazer uso dos recursos estruturais já empregados até este momento da interação (interjeição + frase

declarativa + ‘que’ e adjetivo), como também pela retomada da caracterização da protagonista como “ridícula”, asserção feita na linha anterior de LV.

A solidariedade dos participantes desta interação é, até este ponto, manifestada por meio de declarações condenando a protagonista do vídeo pelo conteúdo das suas emissões racistas e discriminatórias, que a identificam como agente de prática social inadmissível. Tais declarações endereçam a autora como socialmente inapta (“Louca ridícula”, “Retardada”, “Mulher doente”) e expressam indignação por meio da qualificação das ações da protagonista do vídeo como “intolerância” e marcas de problemáticas sociais brasileiras (“Brasil sem jeito”, “Triste realidade”). Nesta sequência de *posts*, os autores criam posições solidárias, na medida em que se alinham, tanto por meio do uso de estruturas similares (frases declarativas, ausência de sujeito expreso, sequências interjectivas), como pelo conteúdo de suas declarações, em alguns casos sendo retomado por repetições, tais como a declaração de TR, paralela à de LV, no final do excerto 1.

Na próxima sequência de *posts*, observam-se recursos adicionais empregados pelos interagentes para a construção de posições solidárias no contexto da discussão gerada pelo vídeo, especificamente o emprego da fala construída e a intertextualidade.

Excerto 2:

CLM "Não chamei você de mulata, mas você é mulata"! Oi?

CD Inacreditável! Triste ver que existe gente assim.

LP O "Alemão" que essa mulher fala, é o marido dessa minha conhecida, ele é Suíço.

REP Que vergonha, o que Ele deve pensar ???

REP Ela deve se sentir uma verdadeira Europeia !!!!

CLM "Não há racismo no Brasil"... Tá bom!

Nesta sequência, o primeiro *post*, de CLM, retoma em discurso reportado, ou fala construída (TANNEN, 1998), uma linha da fala no vídeo, emitida pela autora dos insultos discriminatórios, e usada de forma irônica. Quando incluída em um outro discurso, a fala de outrem assume novas funções, pautadas pelas agendas comunicativo-interacionais do falante em curso (TANNEN, 1998, p. 100; BAKHTIN, 1981, p. 340). Ao reportar a fala da mulher protagonista da ação discriminatória no vídeo, o autor do *post* enfatiza a sua incoerência, uma vez que a primeira nega ter chamado a vítima de “mulata”, mas efetivamente o faz na mesma

linha (“mas você é mulata”). O “Oi?” no final da linha de CLM, sinaliza um questionamento quanto às posturas tácitas e supostas da emissora dos insultos, salientando sua incoerência. No minuto seguinte, CD reage com uma frase exclamativa (“Inacreditável!”) e avalia a ação verbal discriminatória, construindo uma posição semelhante às que foram expostas nas sequências anteriores, alinhando-se a elas e reforçando que posturas exemplificadas por tais ocorrências são “tristes”. O autor do *post* inicial, que lançou o vídeo e que é dono da página onde a discussão tem origem, LP, acrescenta um dado novo, reportando uma declaração da perpetradora das ações discriminatórias, ao revelar a identidade do “Alemão” mencionado por ela no vídeo, esclarecendo tratar-se do marido da vítima. Essa fala reportada por LP, por sua vez, contribui para a construção do posicionamento preconceituoso da mulher, salientando que ela empregou a aparência de um indivíduo para tirar conclusões sobre sua identidade, o que caracteriza uma ação discriminatória e reforça sua identidade no contexto da interação como agente de discriminação.

Goffman (1981) discute como a interpretação do par pergunta-resposta requer que o analista observe além do formato gramatical superficial. De fato, Goffman afirma que, para se compreenderem certas respostas, é necessário que se analisem “formas subjacentes” (p. 6), a fim de se recuperarem os elementos elididos. Na CMC, em contextos tais como o Facebook, a compreensão de algumas respostas é apreensível apenas ao se considerarem os elementos mais amplos do contexto interacional, criados por meio do elemento desencadeador de uma sequência discursiva. A sequência textual que inclui informações sobre o marido da vítima de discriminação no *post* também parece desconectada da linha anterior e acrescentar um dado novo à discussão. Note que esse dado é então incorporado na nova linha, na medida em que o autor do próximo *post* reage à mensagem (“Que vergonha”) e propõe uma pergunta (“O que ele deve pensar????”), indicando tratar-se de uma conduta inadequada. Os três pontos de interrogação, recurso frequente em CMC, salientam a força ilocucionária da declaração, na medida em que revelam e reforçam a instância crítica do autor do *post* em relação ao assunto em questão.

REP então acrescenta uma linha avaliando a postura da discriminadora, ao afirmar que ela “deve se sentir uma verdadeira “Europea!!!!” Com esta linha, REP propõe, de modo implícito, que a autora das ações discriminatórias julga-se diferente, ou superior, por destacar a sua pressuposta visão de si mesma como “Europea”. Note-se, porém, que a ironia neste *post* é revelada também pela grafia do adjetivo, o que parece sugerir a pronúncia inadequada (de acordo com a norma padrão) de alguém que se julga superior, mas que é traído pela própria expressão verbal, reveladora da real origem da emissora, possivelmente uma referência à classe média baixa.

A posição de REP quanto ao racismo manifestado pela mulher no vídeo alinha-se às precedentes, uma vez que também sinaliza indignação ao apontar a incoerência da ação discriminatória. “Ela deve se sentir uma verdadeira Europeia!!!” contém uma carga semântica cuja interpretação precisa levar em conta o contexto social mais amplo, externo ao contexto imediato da discussão entabulada no Facebook, no qual o texto foi produzido. Os participantes parecem sugerir que, numa sociedade tão marcada por extensa diversidade cultural e étnica quanto a brasileira, o preconceito e a discriminação racial são difíceis de serem compreendidos e soam absurdos. Dizer que a mulher “deve se sentir uma verdadeira Europeia” também enfatiza o absurdo da posição de quem discrimina, como se apontasse, de modo indireto e irônico, para a ausência de diferenças significativas entre perpetradora e vítima.

O autor do próximo *post* também retoma o discurso social em circulação no Brasil a respeito das relações raciais, em uma linha de discurso reportado (“Não há racismo no Brasil”... Tá bom!). Com esta linha, o autor retoma uma das posições sobre o racismo no Brasil, a negação de que exista. Especificamente, a linha referencia um aspecto referente ao discurso da democracia racial, de acordo com o qual, no Brasil, a miscigenação generalizada teria anulado a intolerância entre as raças, e resultado em uma harmonia racial não vista em nenhum outro país (ver SCHWARCZ, 2001). A mensagem de CLM é também irônica, na medida em que questiona a veracidade da posição que nega a existência do racismo no Brasil. O “tá bom!” no final do *post* impõe o sentido de dúvida e o questionamento da posição implícita à linha reportada, e sinaliza para a interpretação da citação e a posição do autor do *post*, que afirma exatamente a posição contrária ao que a fala citada parece sugerir.

Verifica-se, nesta sequência também, que o universo referencial em uso estabelece um contraste implícito entre grupos raciais, retomando a dicotomia característica, branco X negro, de episódios racistas. A relação texto-mundo, realizada pelo emprego de referências, é uma das “funções fundamentais da fala” (SCHIFFRIN, 2006, p. 103) e, pode-se afirmar, por extensão, da comunicação em geral. A identificação dos atores sociais em um evento discriminatório, por exemplo, auxilia no entendimento do evento como tal (REISGL; WODAK, 2001). No excerto 2, os termos empregados para situar e identificar os participantes do evento discriminatório em questão (mulata, alemão, suíço, europeia), e que estabelecem a conexão texto-mundo, salientam a oposição entre os grupos e reforçam a natureza do episódio como um caso de racismo.

No próximo excerto, observam-se referências intertextuais e históricas à presença do racismo no Brasil, enquanto os participantes continuam alinhando-se contra a discriminação exibida no vídeo e construindo suas identidades.

Excerto 3:

LP Exibição gratuita de ódio

RF nojo dessa "mulher"!

LF Voltando 100 anos atrás em 3.2.1 pqp

CLM Infelizmente, isso não é de 100 anos atrás! Isso é de agora, é o pensamento de muitos agora! :/

LF Isso é crime e ela deveria ser presa no ato

GM A PESSOA NA PRAIA, QUE PRA MIM É UM DO LOCAIS MAIS SOCIÁVEIS QUE CONHEÇO E ROLA UMA SITUAÇÃO DESSAS E DEMAIS PRA CONVIVER.

LC Deveria ter chamado a polícia no local, racismo é crime e prevê prisão sem pagamento de fiança pra quem o comete.

SM Triste realidade!!!!

Essa disposição pra destilar ódio gratuitamente, nós encontramos diariamente por aí!!!!

RACISMO É CRIME!!!!!!...

Mas infelizmente a justiça brasileira deixa muito a desejar...

Na própria fala dessa cidadã ela diz que sabe quem ela é e que supostamente a vítima pagaria "mico" caso fosse à delegacia....

Coisa de Brasil!!!

A sequência no excerto 3 assemelha-se às anteriores estruturalmente e pelo alinhamento que os participantes constroem em relação ao evento discriminatório. O dono da página, LP, propõe uma avaliação adicional dos eventos com a frase declarativa “Exibição gratuita de ódio”, que é seguida, no próximo minuto, por “nojo dessa mulher”, de RF, uma frase exclamativa dirigida à emissora dos insultos discriminatórios. Note-se também que o termo ‘mulher’ é escrito em aspas duplas, como a indicar que a autora do *post* impõe ao termo uma categorização para além da sua interpretação convencional, e sinalizam a indignação do autor. Até este ponto na interação, a solidariedade dos participantes é manifestada pela condenação ao racismo e à emissora dos insultos raciais.

Na próxima linha, LF avalia as ações discriminatórias no âmbito histórico e social, ao afirmar que se trata de uma regressão, “Voltando 100 anos atrás em 3.2.1”. Essa afirmação condena o racismo por retomar intertextualmente o discurso histórico de discriminação e racismo no Brasil. Observa-se a intertextualidade também no próximo comentário, no qual o autor avalia o evento discriminatório e o comentário precedente, negando que a atitude seja

“de 100 anos atrás”. A repetição em “Isso é agora, é o pensamento de muitos agora!” reforça, de modo enfático, a posição do autor do *post*, para o qual a atitude julgada é ultrapassada e incoerente com a atualidade, apesar de ser ainda predominante.

Esses comentários avaliam negativamente a discriminação e o preconceito manifestados pela mulher no vídeo, por salientarem a inadequação de sua postura para o momento atual. LF, então, propõe uma nova avaliação para o evento ao afirmar que se trata de “crime” e que a perpetradora da discriminação “deveria ser presa no ato.” Esses *posts* conectam o evento discriminatório ao âmbito das discussões sobre racismo no Brasil, ao passo que os participantes referenciam as instâncias legais e históricas no país relativas ao racismo. Note-se que os contribuintes passam de uma discussão em que avaliam a postura da perpetradora do racismo para uma chamada à ação e pedido de providências legais, o que vai ser retomado pelo próximos contribuintes à discussão.

Desse modo, constrói-se um encadeamento que referencia universos discursivos externos ao contexto imediato da discussão propriamente dita, e que retomam o arcabouço cultural e histórico dos participantes (BEKER). Na declaração seguinte, em maiúsculas, um recurso tipicamente usado em CMC para indicar ênfase, o autor avalia a situação (“É demais para conviver”), ao afirmar também que a “praia é um dos locais mais sociáveis” (sic), uma possível referência à facilidade de acesso à praia como espaço público de lazer no Brasil.

No *post* seguinte, retoma-se a chamada à tomada de providências com mais uma referência à lei contra o racismo no Brasil, quando o autor do *post*, LC, propõe que a polícia “deveria” ter sido chamada, e continua ao citar a lei inafiançável contra o racismo no país. A intertextualidade é verificada também na linha seguinte, na qual SF emprega uma frase exclamativa para avaliar a ação discriminatória (“Triste realidade!!!”), retomando tanto a primeira linha de reação ao vídeo, contida no excerto 1, como a declaração imediatamente anterior de LP, que qualifica a ação como demonstração “gratuita de ódio”.

Quando comenta a frequência de atitudes discriminatórias, SF retoma a afirmação anterior de CLM, quanto ao racismo estar presente na sociedade brasileira. SF então emprega letras maiúsculas na declaração seguinte, ao afirmar que “racismo é crime”. O uso do ponto de exclamação triplo ressalta a instância enfática do autor do *post*, salientando a urgência da mensagem e seu caráter apelativo (VANDERGRIF, 2013, p. 7). O autor do *post* continua com uma crítica ao sistema judicial brasileiro, sugerindo que a mulher não enfrentaria repercussões legais, pois “sabe quem ela é” e que a vítima “pagaria mico caso fosse à delegacia”. O intertexto nesta linha é uma referência à suposta parcialidade do sistema judiciário brasileiro, que privilegiaria alguns em detrimento de outros. A afirmação final,

“Coisa de Brasil”, acompanhada pelo triplo uso do ponto de exclamação, reforça esta noção e a instância irônico-crítica do autor do *post*, além de ser uma referência intertextual à linha de LC, no primeiro excerto (“Brasil sem jeito”).

Todos os participantes da discussão até esta parte da interação alinham-se por assumir posições semelhantes, condenando as ações discriminatórias da mulher no vídeo e, assim, construindo solidariedade, linha a linha, contra o racismo. Note-se que, até este ponto, os participantes condenam tanto as ações discriminatórias como a perpetradora da discriminação, e fazem referências ao contexto sócio-histórico do Brasil, mas não fazem referências diretas à vítima. Como Davies e Harré (1990) discutem, ao construir discursivamente posições para si, um indivíduo também acaba gerando identificações para outros, uma vez que ação de construir posições é reflexiva. De acordo com os autores, “[p]ode haver apenas posicionamento interacional no qual o que uma pessoa diz posiciona uma outra” (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 48)⁷.

No próximo exemplo, observa-se como os participantes constroem solidariedade por fazer um outro convite à ação e “viralizar” o vídeo, como recurso para conscientizar ou/e punir a perpetradora com a difusão da ação racista.

Excerto 4:

GC Vamos viralizar essa imagem de odio e intolerancia gratuita.

LC Só consigo sentir pena de alguém que pensa e age assim!

BV Compartilhado!!

PL Que nojo dessa mulher 🤢

VL Que triste...

DB Nojo define. !

Como nos *posts* anteriores, nesta sequência os autores dos comentários alinham-se contra o racismo, solidarizando-se, na medida em que dirigem críticas à conduta da protagonista das ações racistas no vídeo. GC lança um convite para “viralizar essa imagem”, o que parece ser uma chamada à ação contra o racismo por meio da divulgação das imagens da emissora dos insultos. Na linha seguinte, LC dirige um comentário sobre a protagonista,

⁷ Tradução minha. No original, “There can be interactive positioning in which what one person says positions another” (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 48).

declarando “ter pena de alguém que pensa e age assim”. Essas linhas correspondem à formulação de uma posição contra o racismo pela condenação do mesmo, além de proporem uma apresentação negativa da protagonista dos insultos e sua humilhação pública com a divulgação generalizada do vídeo. Além disso, as posições assumidas pelos participantes deste evento interacional têm uma dupla função, uma vez que apresentam uma composição positiva de suas próprias imagens – considerando que, no contexto desta interação o racismo está sendo condenado— e a apresentação negativa da perpetradora das ações discriminatórias. Note-se que os participantes nesta sequência concordam que o agente de discriminação seja considerado digno de “pena” e que tenha suas ações divulgadas publicamente.

Goffman (1959, p. 6) discute como os participantes de uma interação projetam, por meio de suas ações, e às vezes de modo intencional, impressões de si mesmos, visando ou não a alcançar reações às suas imagens. Goffman trata daquilo que um indivíduo “*gives*”, ou deixa transparecer por meio de sua apresentação, tais como gestos, fala e conduta; e “*gives off*”, quando age (atua mesmo, enquanto ator social) com o objetivo de causar impressões específicas. A discussão de Goffman sobre a conduta dos participantes de uma interação, então, sugere que pode haver uma certa medida de planejamento na execução de determinadas ações, verbais ou de outro modo, e que contribuem para a formulação e apresentação da sua imagem pessoal. Pode-se afirmar que, no contexto das interações virtuais, a CMC, também há uma certa medida de controle sobre quem um indivíduo é, e a imagem que ele projeta de si (ver EISENLAUER, 2013, p. 18). As ações executadas na CMC contribuem para o posicionamento dos participantes e a construção passo a passo de suas identidades, tais como nessa sequência em que os participantes adotam posições contra o racismo e propõem medidas punitivas contra seus perpetradores, mas também concordando, reagindo a linhas e comentários específicos de outros participantes e solidarizando-se.

Note-se que sugerir “viralizar” uma “imagem de ódio e intolerância gratuita” é, em si mesma, de acordo com a posição assumida pelo emissor do *post*, uma forma de convite à punição da perpetradora, neste caso, sua humilhação virtual e pública. Isso, por sua vez, alinha-se com a tendência ao uso generalizado de gravações e publicações de vídeos em tempos de mídia social, quando a exposição de si e do outro tem sido um recurso para apresentação e formulação de identidades pessoais negativas e positivas.

BV então acrescenta “Compartilhado”, acompanhado por pontos de exclamação duplos, o que indica tanto a resposta positiva ao apelo feito por GC, como uma postura enfática em relação à ação executada. Note-se que, ao alinharem-se contra o racismo, os autores dos *posts* sancionam, no contexto da discussão em curso, e por meio das suas ações

textuais e extralinguísticas, uma forma positiva de intolerância. À emissora dos insultos pode-se expressar “nojo”, como o faz PL com frase declarativa e o uso do *emoji* para reforçar visualmente o sentimento de raiva. VL adiciona uma declaração que retoma, de modo indireto, o sentimento expresso nos *posts* anteriores (“Que triste...”), e DB, na linha final da sequência apresentada nesse excerto, retoma a declaração de PL com “nojo define”, confirmando que a intolerância racial expressa pela mulher branca no vídeo é inadmissível, mas que a intolerância dos participantes para com as ações discriminatórias é justificada.

Por meios dessas ações, os participantes deste evento constroem para si posições de solidariedade para com o autor do vídeo e contrárias ao racismo, repudiando também a perpetradora das ações discriminatórias. Essas ações e posições, por sua vez, contribuem para a apresentação das identidades positivas dos participantes deste evento interacional em oposição à identidade negativa da perpetradora, por meio da avaliação e reações negativas das suas ações.

5 Considerações finais

Na sequência de *posts* em página do Facebook aqui analisada, os participantes alinham-se contra a discriminação e o racismo 1) construindo suas posições na interação em curso pela manifestação de desagrado e condenação das ações da perpetradora; 2) referenciando o texto criado na interação e o contexto histórico brasileiro; e 3) solicitando a ação legal e virtual como forma de punição contra o racismo. Textualmente, essas ações são articuladas tanto pelo uso de frases declarativas, avaliativas das ações discriminatórias e da própria perpetradora, como pelos recursos extralinguísticos tipicamente viabilizados pelo meio, tais como o uso de exclamações duplas ou triplas, o emprego de letras maiúsculas, o empregos das aspas duplas para salientar modificações de sentido, ou o uso dos *emojis*. As estratégias discursivas compreendem não só a intertextualidade, mas a ironia e o emprego da fala reportada.

Apesar da aparente simplicidade no uso dos recursos linguísticos, com frases curtas, que omitem o sujeito e carecem, em sua maioria do uso de subordinação, a CMC articula-se em função de uma teia complexa de (inter)ações, que podem ser verbais ou não. Atuar satisfatoriamente no contexto de um evento interacional mediado pelo Facebook, tal como o exemplificado nos excertos analisados, exige o envolvimento dos participantes não só com as linhas anteriores e posteriores de texto, mas, também com o vídeo e com condutas sociais aceitáveis na comunidade de prática no qual a interação ocorre.

O estudo das interações mediadas por canais de mídia social merece atenção tanto por sua ampla difusão e uso, e pelo modo como tem influenciado as práticas comunicativas correntes, como por ser um rico arcabouço onde as relações entre língua, cultura e sociedade tornam-se ainda mais salientes. De fato, as mídias sociais têm revolucionado o modo como os atores sociais se (re)organizam politicamente, culturalmente na atualidade, e a linguagem é um componente central desta nova configuração comunicativa. O estudo da linguagem nestes novos espaços interativos precisa, como salientado por Androtsopolous (2006), projetar-se para além da esfera superficial dos recursos textuais empregados. A sociolinguística interacional tanto pode fornecer ferramentas úteis na compreensão destas novas linguagens, como pode renovar-se na tentativa de compreender como os participantes de uma interação mediada por computadores fazem uso de múltiplos recursos textuais, mas também – e talvez principalmente—, lançam mão de conhecimentos sociais, históricos e culturais no processo de construção de sentido. Muitas são, portanto, as possibilidades de contribuições da linguística sociointeracional à compreensão da CMC, um campo fértil para novos estudos e repletos de possibilidades interdisciplinares.

Referências

ANDROTSOPOLOUS, Jannis. Introduction: sociolinguistics and computer-mediated communication. **Journal of sociolinguistics**, v. 10, n. 4, p. 419-438, 2006.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2006.00286.x>

BAKHTIN, M. **The dialogic imagination**. Austin: The University of Texas Press, 1981.

DAVIES, Brownwyn; HARRÉ, Rom. Positioning: the discursive production of selves. **Journal for the theory of social behavior**, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 43-63, 1990.

EISENLAUER, Volker. **A critical analysis of social media: the true colours of Facebook**. London: Bloomsbury, 2013.

GOFFMAN, Ervin. **The presentation of self in everyday life**. Garden City: Doubleday, 1957.

GOFFMAN, Ervin. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GUMPERZ, John. Interactional Sociolinguistics: a personal perspective. In: SCHIFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi. **The handbook of discourse analysis**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 215-228.

HEYD, Theresa. Digital genres and processes of remediation from. In: GEORGAKOPOULOU, Alexandra; SPILIOTI Tereza. **The Routledge handbook of language and digital communication**. London: Routledge, 2015. p. 87-102.

REISGL, Martin; WODAK, Ruth. **Discourse and discrimination**: rethorics of racism and antisemitism. London/New York: Routledge, 2001.

SCHIFFRIN, Deborah. From linguistic reference to social reality. In: DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah; BAMBERG, Michael (Eds.). **Discourse and identity**. London/New York: Cambridge, 2006. p. 103-131.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2010.

SPILIOTI, Tereza. Digital discourses: a critical perspective. In: GEORGAKOPOULOU, Alexandra; SPILIOTI Tereza. **The Routledge handbook of language and digital communication**. London: Routledge, 2015. p. 133-148.

TANNEN, Deborah. **Talking Voices**: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

VANDERGRIFF, Ilona. Emotive communication online: a contextual analysis of computer mediates communication (CMC) cues. **Journal of Pragmatics**, [S.l.], v. 51, p. 1-12, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.02.008>

WEST, Laura E. Facebook sharing: a sociolinguistic analysis of computer-mediates storytelling. **Discourse, context and media**, [S.l.], v. 2. p. 1-13, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.dcm.2012.12.002>